

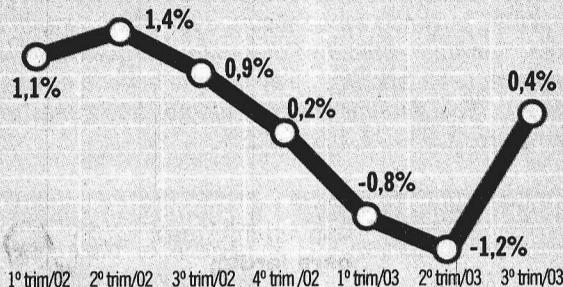
Economia - Brasil

O ESPETÁCULO ESTÁ ATRASADO

Editoria de Arte

Os números da economia brasileira

A EVOLUÇÃO DO PIB (em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal)

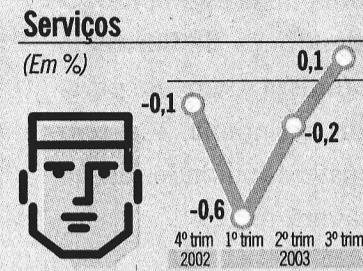
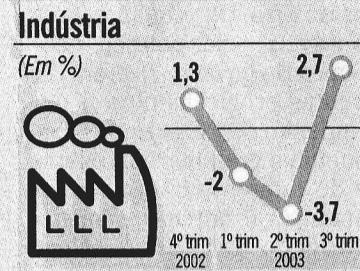
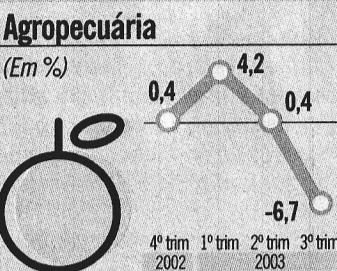


O PIB nas outras comparações

Em relação ao 3º trimestre de 2002	-1,5%
No ano	-0,3%
Nos últimos 12 meses	0,7%

Fonte: IBGE

O DESEMPENHO DOS GRANDES SETORES (em relação ao trimestre anterior, com ajuste sazonal)



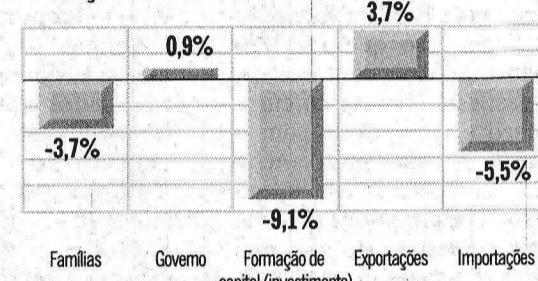
O COMPORTAMENTO DE CADA ATIVIDADE

(Em relação ao 3º trimestre de 2002)

Agropecuária	-2,8%
Extrativa mineral	2,6%
Transformação	0,4%
Construção Civil	-10,9%
Comércio	-6%
Transportes	-0,3%
Comunicações	-1%
Instituições financeiras	-1,7%
Aluguel de imóveis	0,6%
Administração Pública	0,3%

O CONSUMO DE CADA GRUPO

(Em relação ao 3º trimestre de 2002)



QUE CÁLCULO É ESSE?

O Produto Interno Bruto (PIB) é a soma das riquezas criadas pela produção de bens e serviços num país durante um ano, contando inclusive a arrecadação de impostos sobre a produção. A coleta é feita em três grandes setores: agropecuária, indústria e serviços. Os dados também podem ser apresentados sob a ótica da demanda, que mostra como foi o consumo de cada grupo: família, governo, investimentos da indústria e construção civil, exportações e importações.

PIB decepciona e cresce só 0,4%

Economia sai da recessão, mas agropecuária recua 6,7%. Indústria se recupera

Luciana Rodrigues

A economia brasileira cresceu só 0,4% no terceiro trimestre, frustrando as expectativas de economistas de que o país estaria saindo da recessão a passos mais largos. Apesar de dois trimestres consecutivos de queda, o Produto Interno Bruto (PIB, soma de todas as riquezas produzidas pelo país) teve expansão pífia, em decorrência de uma forte queda na produção agropecuária, que anulou os ganhos da recuperação na indústria, informou ontem o IBGE. No primeiro trimestre, o PIB caiu 0,6% e no segundo, 1,2%, frente ao período imediatamente anterior, já excluindo efeitos sazonais.

Com o fraco desempenho entre julho e setembro, o PIB brasileiro entrou no terreno negativo este ano. Até o primeiro semestre, o PIB registrava crescimento de 0,4%. Agora, no acumulado dos nove primeiros meses do governo Lula, a economia sofreu uma retração de 0,3%. Os números divulgados ontem pelo IBGE fizeram bancos e consultorias reverem, para baixo, suas projeções para o PIB este ano.

Renda 'per capita' poderá recuar 1%

• Com as revisões, pela primeira vez desde 1999, o brasileiro deve amparar perda na renda *per capita* este ano, que pode chegar a mais de 1% nas previsões mais pessimistas. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que projetava um crescimento do PIB de 0,5% este ano, agora já espera expansão de só 0,3%. A gestora de recursos Boreal DTV estima que o PIB vá ficar estagnado, ou seja, próximo de zero. Nesse caso, haveria perda de renda

per capita de 1,26%. Já a consultoria Global Invest prevê uma queda de 0,2% no PIB em 2003. Seria o pior resultado desde 1992.

A grande surpresa nos números do PIB para o terceiro trimestre foi o desempenho da agropecuária. O setor registrou queda de 6,7% frente ao segundo trimestre deste ano e de 2,8% sobre o terceiro trimestre do ano passado. Nessa última comparação, foi o primeiro resultado negativo após dez trimestres consecutivos de alta. Segundo Roberto Olinto, gerente de Contas Trimestrais do IBGE, a queda na agropecuária foi influenciada pelo mau resultado da produção de café:

— No terceiro trimestre, a colheita preponderante é a de café, cuja produção, este ano, deve ser 20% menor. Em outras lavouras com peso significativo, como a soja, já passou o período de colheita.

Já a indústria do país cresceu 2,7%, em relação ao segundo trimestre, depois de duas quedas se-

guidas. O setor só não teve desempenho melhor devido à construção civil. Na comparação com o terceiro trimestre de 2002, a construção civil registrou queda de 10,9%, derrubando o resultado da indústria, que caiu 1,6% nessa comparação. Olinto, do IBGE, explica que a construção sofre com a escassez de crédito habitacional e com a queda na renda dos consumidores, que dificulta a venda de material de construção.

Comunicações caem após 13 anos de alta

• A renda em queda também foi um golpe para o setor de comunicações, que sofreu uma queda de 0,1% na comparação com o terceiro trimestre de 2002. Foi o primeiro resultado negativo em toda a série histórica do IBGE, iniciada em 1990. Nem a mudança metodológica feita pelo IBGE a

partir desta divulgação — o instituto passou a considerar os dados da telefonia móvel, em forte expansão — evitou a queda do setor. A telefonia móvel cresceu 10%, mas na telefonia fixa as chamadas internacionais caíram 10% e as nacionais, 3%.

O segmento de comunicações integra o setor de serviços, que caiu 0,8% sobre o mesmo trimestre de 2002, mas registrou alta de 0,1% frente ao segundo trimestre deste ano.

— No conjunto geral, o resultado do PIB veio abaixo do esperado mas não sinaliza nenhuma mudança na trajetória da economia — afirma Paulo Levy, coordenador do Ipea. — O segundo trimestre foi mesmo o fundo do poço. A taxa de juros caiu nove pontos em três meses e os efeitos disso ainda vão aparecer. No ano que vem, a economia vai melhorar.

Olinto, do IBGE, lembra que os resultados do PIB foram afetados pela alta base de comparação. Em 2002, o crescimento foi concentrado no fim do ano e, no terceiro trimestre,

a expansão do PIB atingiu 2,9%.

Os números do PIB mostram que as famílias brasileiras sentiram no bolso os juros elevados e a inflação alta dos primeiros meses do ano. O consumo desse grupo caiu 3,7% sobre o terceiro trimestre de 2002.

Gastos de famílias em queda há 2 anos

• Já foram nove trimestres, ou seja, mais de dois anos seguidos de queda nos gastos das famílias, grupo que responde por 60% do PIB brasileiro.

— A queda no consumo da família é reflexo da perda na renda real dos consumidores (devido à inflação) e da dificuldade no acesso ao crédito — resumiu Olinto, do IBGE.

Para Marcelo de Ávila, economista-chefe da consultoria GlobalStation, a retração nos gastos das famílias é sinal de que o Banco Central manteve os juros altos por muito tempo:

— Sem consumo, como o país vai crescer? Não é à toa que a inflação se mostra bem comportada.

Ainda na análise do PIB pela demanda por produtos, as exportações crescem desde o segundo trimestre de 2002. É a balança comercial (o aumento das exportações e a queda das importações, cujo impacto é positivo no PIB) que vêm segurando a expansão da economia. As vendas para o exterior subiram 3,7% frente ao mesmo período do ano passado, após alta de 29,9% no segundo trimestre. Já as importações caíram 5,5%.

— Esperávamos que as exportações cairiam, num movimento de acomodação. Foi uma surpresa boa no PIB — disse Levy, do Ipea. ■

• NEM MANTEGA NEM LISBOA: RESULTADO DO PIB DA DISCÓRDIA DEVE SER PIOR, na página 30